

Recensões

Y. CONGAR — Eglise Catholique et France moderne. Hachette, Paris 1978, 285 pp.

Y. Congar é um dos maiores especialistas na história das doutrinas eclesiológicas. Fruto de meio século de pesquisa incansável neste campo são suas duas obras monumentais *L'ecclésiologie du haut Moyen Age*, Paris 1968 e *L'Eglise de Saint Augustin à l'époque moderne*, Paris 1970. Mas Congar é também um teólogo dotado de extraordinária sensibilidade pastoral, que sempre tem dialogado com os problemas do homem contemporâneo. A obra que aqui resenhamos não é um tratado de teologia sistemática nem um estudo histórico da evolução das idéias eclesiológicas na França moderna; ela tenta expor a leitores não-especializados o que é a Igreja, o que é esse grande corpo eclesial que aparece ao homem de hoje ao mesmo tempo como fascinante e incômodo, como seguro de si e, no entanto, em crise.

Congar aceita de saída o desafio da rejeição, da desconfiança ou da indiferença com relação à Igreja. Não se situa, porém, no nível da refutação, mas no de uma apresentação positiva da realidade da Igreja, realidade e apresentação que terão que ser desdobradas em três níveis: histórico, sociológico e teológico. O A. dá uma importância especial à história porque, na opinião dele, a rejeição da Igreja indica um certo desconhecimento da história; essa rejeição não é crítica a não ser num sentido só e de maneira demasiado curta. É necessária também uma apresentação teológica, porque a Igreja é uma realidade ao mesmo tempo

histórica e supra-histórica; faz parte da natureza ou da essência ou do "mistério" da Igreja ser ao mesmo tempo sociedade e comunhão; a comunhão de Deus com os homens ultrapassa a espacialidade e a temporalidade, mas toma na história a forma da *politéia*, de uma sociedade que traz consigo "estruturas de direção e de autoridade, leis e regulamentos, bens materiais e edifícios, uma fachada pública com todas as suas conseqüências" (p. 14). Tudo isto deve estar certamente ao serviço da comunhão e da santidade, mas neste "deve estar" entra o jogo da liberdade humana na história. Em última análise, defrontamo-nos aqui com o velho problema da santidade e da historicidade da Igreja que reaparece sempre de maneira nova. Devido à sua historicidade constitutiva, na Igreja dá-se sempre a mistura do "puro" e do "impuro". É justo criticar na Igreja o que contradiz o Evangelho a partir do Evangelho, em nome do Evangelho ao qual temos acesso através da Igreja e que está sempre vivo na Igreja. Por isso, diz Congar, "aqueles que não vêem na Igreja mais que os déficits humanos e seus atrasos históricos correm o risco de ser míopes. Não vêem a profundidade nem a verdadeira natureza da realidade" (p. 13). Sem desconhecer as falhas do passado e as insuficiências do presente, porque a Igreja existe na história, Congar quer mostrar a atual renovação da Igreja, consagrada pelo Vaticano II, a partir da seiva evangélica que não deixa nunca de vivificá-la.

A obra está dividida em três partes. Na I Parte, intitulada "Igreja antiga. Mundo novo" (pp. 19-71), são estu-

dados, em três capítulos, o confronto entre a Igreja Católica e o "mundo moderno", o *aggiornamento* conciliar e a crise pós-conciliar e, finalmente, numa visão prospectiva, o que se pode prever, desde o lugar em que o A. se situa, da Igreja de amanhã. O que foi questionado progressivamente ao longo dos quatro últimos séculos, nos diz Congar, foi o "modelo de cristandade", no qual a sociedade temporal aceitava as finalidades e as normas da Igreja. O Concílio Vaticano II encerrou o capítulo da incondicionalidade do sistema saído da cristandade medieval, da Contra-reforma e da restauração do século XIX. O que o Concílio fez foi tentar responder às necessidades do mundo contemporâneo na fidelidade ao depósito evangélico e aos valores válidos da tradição que permaneceram na Igreja do último milênio, voltando a redescobrir os valores da Igreja do primeiro milênio. Não foi, portanto, o Concílio a causa da crise pós-conciliar. Muitos dos problemas que explodiram depois do Concílio já existiam antes. O que o Concílio fez foi permitir que se manifestassem as exigências de verdade e as aspirações espirituais que vinham sendo sufocadas por uma Igreja demasiado hierárquica e fechada em si mesma. Hoje "a fantástica mutação que está se operando no mundo impõe à Igreja um não menos fantástico esforço de revisão e de renovação. Porque, mesmo permanecendo a Igreja de sempre na sua substância evangélica, ela não pode ser uma Igreja de ontem no mundo de hoje e de amanhã. Seu futuro exige que ela esteja presente no futuro do mundo para orientá-lo para o futuro de Deus" (p. 53). A grande tarefa para encontrar os traços da Igreja de amanhã que já se anunciam hoje consistirá, segundo Congar, numa síntese dinâmica entre os pólos hierárquico e popular, vertical e horizontal, da transcendência e da encarnação histórica, do culto a Deus e do serviço aos homens, particularmente aos pobres e oprimidos, sem dissociar esses pólos, mas integrando-os.

Na II Parte: "Como se apresenta a Igreja" (pp. 73-152), o A. tenta mos-

trar em primeiro lugar os traços do rosto da Igreja Católica na sua unidade e pluralidade, na sua dimensão comunitária e societária, uma comunidade vivificada pelo que Congar denomina "gênio conciliar e colegial", e, finalmente, no papel de Roma como centro, ícone e servidora da unidade". São especialmente inspiradas neste capítulo as primeiras páginas (75-81) que descrevem a "prodigiosa diversidade" da Igreja, a qual lhe confere uma beleza única. No capítulo II o A. lança um olhar sobre as atividades fundamentais da Igreja: "Martyria", "Koinonia", "Leitourgia" e "Diakonia". No capítulo III pergunta-se de onde vem a seiva que sobe das raízes profundas da Igreja para constituí-la Povo de Deus, Corpo de Cristo, Templo do Espírito. Finalmente, no capítulo IV, é apresentada a posição da Igreja Católica com relação aos outros cristãos, aos judeus, ao Islã, às outras religiões e à incredulidade.

Na III Parte: "A Igreja diante dos problemas de vida e de sociedade" (pp. 153-273), expõe-se a posição da Igreja "diante da vida humana das pessoas" (sexualidade, disciplina, matrimônio e família, aborto, homossexualidade, sofrimento e morte) e "diante da vida social" (Igreja e mundo político, uma "doutrina social da Igreja" a Igreja diante do marxismo e dos comunistas). Ao abordar estas questões, Congar expõe com toda lealdade, conforme esclarecera já no Prefácio, as posições do Magistério pastoral da Igreja e não suas posições pessoais. Em momento algum, porém, "pontifica" ou simplifica. Embora de maneira necessariamente concisa, procura mostrar sempre o que constitui o núcleo do problema tratado e sua complexidade, sem fechar os olhos diante dos fatos para que triunfem teorias pré-concebidas. Para um maior aprofundamento de algumas das mais difíceis e debatidas questões atuais é oferecida, em nota, uma bibliografia seleta.

Nesta obra Y. Congar revela-se mais uma vez como o teólogo que se move com a mesma facilidade e honesti-

dade intelectual na análise e na síntese; como o teólogo que é movido sempre por inabalável fidelidade e amor à Igreja e aos homens; como o teólogo preparado por uma enorme cultura histórica que se manifesta ao situar os mais diversos problemas nas suas raízes e no seu desenvolvimento, condição indispensável para poder compreendê-los corretamente e buscar as respostas mais certas; como o teólogo, enfim, dotado de uma extraordinária sensibilidade pastoral que sabe fazer, no momento certo, observações pertinentes e lúcidas, ao mesmo tempo serenas e corajosas, sobre os problemas mais candentes e complexos (ver, por ex., as observações sobre a "religião popular": pp. 132-136; sobre a chamada "doutrina social da Igreja": pp. 241-251; sobre a "teologia da libertação" latino-americana: p. 263). Neste último exemplo podemos perceber que, ainda que o A. escreva sobre a Igreja Católica desde o espaço cultural de língua francesa da Europa ocidental, o livro está escrito com um espírito "católico", isto é, aberto à totalidade. Assim como a Igreja Católica se enriquece com a vida cristã das comunidades eclesiais do Brasil (há, ao longo da obra, várias referências a elas), também nós nos enriqueceremos com a leitura deste livro se o lermos com o mesmo espírito católico, com o mesmo espírito de abertura, com que foi escrito.

Álvaro Barreiro

ANDREW M. GREELEY — Como se faz um Papa. A história secreta da eleição de João Paulo II. Tradução de Raul de Sá Barbosa. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1980, 316 pp.

O autor, sociólogo e sacerdote da diocese de Chicago, não-jesuíta, como constou na imprensa brasileira, consegue fazer um relato interessante sobre um assunto teoricamente protegido por um impenetrável si-

gilo: os fatores decisivos na eleição de João Paulo II.

O primeiro desses fatores foi a eleição, o breve pontificado e a morte de João Paulo I. Os 32 dias de seu pontificado foram suficientes para fixar uma nova imagem do Papa. O Papa, no mundo de hoje, não podia ser mais o administrador, envolto em mistério, de uma burocracia eclesiástica. O Papa devia ser um Pastor, capaz de fundir no seu rebanho universal uma nova esperança, de confirmá-lo na fé, por uma ação quase catequética, um homem capaz de sorrir.

Teria sido com essa imagem do Sumo Pontífice que os cardeais se fecharam à chave no "con+clave". Os cardeais do Terceiro mundo teriam tido decisiva influência na fixação dessa imagem do Papa a ser eleito.

O segundo fator decisivo na eleição de Karol Wojtyła, teria sido a atitude assumida pelo cardeal Colombo, arcebispo de Milão. Percebendo que, depois das dispersões dos primeiros escrutínios, os votos começavam a ser catalisados pelo seu nome, teria feito constar que, mesmo se eleito, não aceitaria. Foi só a partir dessa renúncia que começou a emergir o nome de Karol Wojtyła, eleito no final do segundo dia de conclave.

João Paulo II, o primeiro não-italiano eleito depois de 400 anos, conseguiu rapidamente confirmar a imagem do Papa, como Pastor Universal.

O autor, que reconhece as qualidades excepcionais do novo Pontífice, não esconde suas apreensões sobre a escolha de um Papa polonês. Tendo vivido quase toda sua vida numa cristandade sitiada e que consegue sobreviver admiravelmente graças a sua coesão interna, o Papa correria o risco ou de se deixar envolver pela burocracia vaticana (para com a qual o autor não nutre especiais simpatias), ou de cair no erro de pensar que o que é bom para a Polônia é bom para o mundo.

As visitas do Papa a vários países atenuaram um pouco as apreensões do autor. Creio que elas se dissipa-

riam por completo se ele tivesse escrito seu livro, depois da visita de João Paulo II ao Brasil.

Fernando Bastos de Ávila, S.J.

JEAN GUITTON — Meu Pequeno Catecismo, Ed. José Olympio, RJ, 1980, 78 pp.

O fato de que Jean Guitton, célebre autor francês com muitos livros publicados, membro da Académie Française, haja encetado no fim de sua vida essa tarefa grande e séria que é escrever um livro para crianças, já revela um homem sábio. Se esse livro, além do mais, se propõe a ser, para seus pequenos leitores, uma tentativa de diálogo sincero e aberto sobre “as razões da esperança que está em nós” (1 Pdr 3,15) — ou seja, um itinerário catequético —, maiores ainda devem ser nosso respeito e gratidão.

“*Meu Pequeno Catecismo*”, que a Editora José Olympio traduziu e publicou recentemente, é essa simples e bela tentativa levada a cabo.

Buscando a inspiração original na experiência de sua infância, quando, menino irrequieto e curioso, não cessava de fazer perguntas aos pais sobre a Fé que deles recebia, Jean Guitton pretende, com este livro, aproximar — usando para isso a forma do diálogo entre o adulto que ensina e a criança que aprende — as orações aparentemente distanciadas quanto à base de sua religião. Seu objetivo, como ele mesmo diz, é “fazer com que a fé dos pais se reconheça na fé dos filhos e a destes na dos pais” (p. 4).

Dividido em cinco partes, o livro procura tocar nos pontos mais candentes da doutrina cristã e dar, ao mesmo tempo, pistas para uma vivência real desta verdade revelada e acreditada.

A primeira parte vai descortinando à criança, segundo suas perguntas e respostas, o Mistério de Deus que supera o homem, as Fontes da Re-

velação, a Pessoa de Jesus Cristo e a Eucaristia.

A segunda parte poderia se chamar: Um pequeno código de moral (“Regras de vida”), onde virtudes como a prudência (p. 26) e a temperança (p. 24) servem de caminho para desembocar nas virtudes teológicas: Fé, Esperança e Caridade.

Na terceira parte, os três grandes mistérios da nossa Fé vão sendo colocados no diálogo com o menino de uma forma tão simples quanto surpreendente: Trindade, Encarnação, Redenção. Sem grandiloquências inúteis e com total honestidade, o Autor, diante de seu pequeno e deslumbrado interlocutor, fala apenas o que pode e o que deve, e depois se cala, deixando pesar o Mistério que é maior.

A quarta parte trata dos sacramentos — sinais de comunicação da vida divina em nós — e da Igreja, sacramento do Cristo e seu prolongamento na terra.

Na quinta parte, Jean Guitton “abre as vias do futuro eterno” (p. 5), falando sobre a Ressurreição, o Juízo Final, a Comunhão dos santos, terminando o livro como começou: pelo ensino e aprendizagem da oração — modo de comunhão no amor. O Apêndice final apresenta algumas bonitas e singelas orações que constituem um amável convite a que o leitor, criança ou adulto, persevere naquilo que começou: a reflexão sobre sua própria fé.

Evidentemente, não se trata de um livro e de um método para crianças muito pequeninas, já que os diálogos supõem um pequeno grau de iniciação, aliado a uma certa capacidade de teorizar e absorver e discutir conceitos. E isso porque o Autor procura sempre pôr-se ao alcance do menino, sem, porém, ser infantil.

Trata-se, no entanto, de um livro que leva a criança absolutamente a sério. No esforço constante de chegar até as perguntas que brotam das cabezinhas alertas e translúcidas de seus jovens interlocutores, Jean Guitton

não dá um passo em falso nem faz sequer uma concessão à facilidade e ao impacto gratuito.

No prefácio de seu livro, ele ratifica essa sua atitude fundamental, dizendo sobre a criança: "É preciso informá-la sobre o que somos. É preciso mostrar-lhe que temos, como ela, jurado ir até o fim do raciocínio e da experiência: que a fé não contradiz a razão, mas que a completa; que a vida cristã aperfeiçoa a vida humana."

Maria Clara Lucchetti Bingemer

PHILIPPE DELHAYE — Discerner le bien du mal dans la vie morale et sociale. Étude sur la morale de Vatican II, Collection "Esprit et Vie", Editions C.L.D., sans lieu ni date (1979).

O ensinamento moral do Vaticano II é malconhecido. Agora encontramos este ensinamento magistralmente apresentado por alguém que foi testemunha e protagonista do Concílio. Monsenhor Delhaye desenvolve certamente uma obra de teologia, mas também uma obra pastoral. Ele sabe que não se pode fundamentar uma opção de vida tendo como bases questionamentos perpétuos. Tanto quanto a interrogação, a afirmação também é uma forma de coragem. Portanto, aqui estão apresentadas, em linguagem simples e precisa, as linhas fundamentais da existência e da ação do cristão confrontado com o mundo pós-conciliar. Moral centrada eminentemente sobre o Cristo encarnado, e valorizando assim a pessoa humana. Moral vivida no mundo e na história, atenta aos valores humanos, mas constantemente preocupada pelo discernimento. Assim, o Secretário da Comissão teológica internacional lembra com tranqüila firmeza que, na nossa sociedade pluralista, todas as colaborações não são possíveis.

Esse estudo vivo, de erudição discreta, porém forte, é um convite a reler os textos conciliares. Ele se propõe

principalmente a fazer lembrar aos cristãos que sua vida moral e social deve levar o testemunho da presença ativa daquele que derramou seu sangue por todos os homens.

Apenas lastimamos que M. J. P. Normand, o corajoso editor da interessante coleção "Esprit et Vie" não especifique o significado das iniciais C.L.D. ("Cahiers du Livre et du Disque"). É mais surpreendente ainda que ele não indique seu endereço (42, Avenue des Platanes, F 37170 Chambray). A menção dessas informações asseguraria à coleção uma maior penetração, à que certamente faz jus.

Michel Schooyans

JULIEN RIES — Salut et libération dans le Bouddhisme et Théologies de la libération, Collection Information et enseignement, 9, Centre d'Histoire des religions, Chemin du Cyclotron, 2, B 1348 Louvain-la-Neuve, 1979, 161 pp.

A literatura dedicada à teologia da libertação é de fato considerável e possui inegável interesse. O trabalho do Professor Ries traz uma contribuição bastante original e importante ao estudo dessa corrente teológica. Pela primeira vez, ao que sabemos, as "teologias da libertação" são situadas na perspectiva global da salvação e da libertação, tais como, esses dois temas surgem em todas as grandes religiões. O dossiê trata igualmente a gênese da problemática atual, que, da teologia do desenvolvimento, passando pelas teologias da revolução, chega aos problemas atuais. Deve-se ao célebre especialista das religiões comparadas ter procurado um esclarecimento bastante novo às pesquisas teológicas sobre a libertação. No coração da História, Jesus Cristo aparece como fonte e autor de toda a libertação

humana. Sua obra de salvação não deve ser reduzida a uma atuação puramente temporal e intramundana. O confronto entre os temas salvação e libertação — como surgem nas diversas formas de budismo — contribui iluminando a originalidade e a singularidade do ponto de vista cristão. Devemos reconhecer que a proposta do Professor Ries traz uma confirmação bastante singular aos desenvolvimentos que João Paulo II vem dedicando ao tema da libertação na sua catequese habitual.

Michel Schooyans

JULIEN RIES, HERBERT SAUREN, GUY KESTEMONT, RENÉ LEBRUN, MAURICE GILBERT — L'expression du sacré dans les grandes religions. I. Proche-Orient Ancien et Traditions bibliques, Coll. Homo Religiosus, 1, Centre d'Histoire des Religions, Chemin du Cyclotron, 2, B 1348 Louvain-la-Neuve, 1 vol., 325 pp.

O Centro de História das Religiões da Universidade de Louvain tornou-se célebre através das publicações de seus membros. A coleção "Homo Religiosus", que o Prof. Ries acaba de lançar, tem como proposta publicar o resultado das últimas pesquisas desse centro. O primeiro volume da coleção começa com uma importante introdução na qual o Prof. Ries situa o centro que ele dirige dentro da perspectiva da história da Universidade de Louvain. Além do mais, o

autor faz-nos lembrar a gênese dos estudos bíblicos e orientalistas na Europa desde a Renascença. O volume é composto de três partes, que apresentamos sumariamente. A primeira é dedicada aos "Problemas e Métodos". J. Ries apresenta um estudo fundamental sobre "O Sagrado e a história das religiões" (pp. 35-102). A segunda parte é dedicada ao "Oriente Próximo Antigo". O sagrado é então estudado dentro da tradição suméria (H. Sauren), babilônica (G. Kestemont) e hitita (R. Lebrun). A terceira parte, por sua vez, se inicia pelo estudo consagrado por P. M. Gilbert ao "Sagrado no Antigo Testamento" (pp. 205-289), e termina com os resultados de pesquisa apresentados por J. Ries sob o título "Expressão e Significado do Sagrado" (pp. 293-316).

Os estudos aqui mencionados primam por seu extremo rigor científico, e, no entanto, o leitor não-especialista sente-se à vontade apesar do tecnicismo que aparentemente o faria perder o fio da meada. Caso a coleção consiga manter a harmonia entre estas duas características, poderá atrair um público bastante numeroso às pesquisas orientalistas, público esse, normalmente intimidado pelo esoterismo das publicações sobre o assunto.

Desejamos, portanto, as boas-vindas a essa nova coleção, e nos alegramos ao saber que o segundo volume já está em fase de preparação. Este próximo volume será dedicado ao Hinduísmo, ao Budismo, ao Islamismo, ao Gnosticismo e ao Maniqueísmo.

Michel Schooyans